

Entrevista: Joel Rufino dos Santos

qua, 29/10/08 por Luciano Trigo | categoria [Artigo](#), [Literatura](#)

Em *Assim foi (se me parece)*, o professor e historiador lembra a infância e a ditadura



Espectador engajado das últimas quatro décadas da vida social e política brasileira, o historiador e professor de literatura Joel Rufino dos Santos faz em suas memórias – *Assim foi (se me parece)* (Rocco, 184 pgs. R\$23) – um balanço pessoal e deliberadamente subjetivo de sua geração.

Criado no subúrbio do Rio de Janeiro, Joel Rufino tinha 13 anos quando as aulas na escola foram suspensas, após a notícia do suicídio de Getúlio Vargas, em 1954. O intenso debate político que se seguiu no país não empolgou o adolescente que sonhava ser astrônomo. Dez anos depois, foi bem diferente: apaixonado pelas obras do militar e historiador Nelson Werneck Sodré, com quem viria a trabalhar no ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), ele já estava mergulhado no engajamento político quando o golpe militar tirou João Goulart do poder.

Por ter participado do livro *História nova do Brasil*, que propunha uma ousada reforma no ensino da disciplina, e por seu posterior envolvimento com a ALN – Aliança Libertadora Nacional, organização revolucionária comunista criada em 1967 para combater o regime militar, Joel Rufino foi preso e exilado. Hoje, além de ativista do movimento negro, Joel Rufino propõe outra reforma: a do ensino da literatura, tal como expõe em outro livro recém-lançado, *Quem ama a literatura não estuda literatura*.

G1: O memorialista é sempre 100% sincero ou é também um pouco mentiroso? Em que medida existe alguma ficção nas suas memórias?

JOEL RUFINO DOS SANTOS: O título *Assim foi (se me parece)* já sugere que não creio em memória “verdadeira”. Há uma diferença, uma lacuna entre falar e dizer, aí se instala a memória. Os fatos que relato aconteceram, mas para outros que os viveram significaram outras coisas. Mesmo os livros de História andam

busca no blog

ok

Perfil

Luciano Trigo é escritor, jornalista, tradutor e editor de livros. É pai da Valentina. Autor de “O viajante imóvel”, sobre Machado de Assis, “Engenho e memória”, sobre José Lins do Rego, e meia dúzia de outros livros, entre eles infantis. Foi editor dos suplementos “Idéias”, no *Jornal do Brasil*, e “Prosa & Verso”, no *Globo*, e colaborador de diversos jornais. Editou também as revistas “Leia Livros” e “Poesia Sempre”. Foi editor da *Nova Fronteira* e da *Odisséia Editorial*. O endereço do blog *Máquina de Escrever* mudou. As novas postagens estarão em <http://g1.globo.com/pop-arte/blog/maquina-de-escrever/>

Colunistas

Altieres Rohr
 Alysson Muotri
 Amelia Gonzalez
 Ana Cássia Maturano
 André Trigueiro
 Antônio Carlos Miguel
 Bruno Medina
 Cassio Barbosa
 Cláudia Croitor
 Cristiana Lôbo
 Dicas de motos – Roberto Agresti
 Dodô Azevedo
 Dra. Ana Escobar
 Geneton Moraes Neto
 Gerson Camarotti
 Lia Salgado
 Oficina do G1 – Denis Marum
 Paulo Coelho
 Ronaldo Prass
 Sérgio Nogueira
 Yvonne Maggie
 Zeca Camargo

Outros blogs

Fantástico – 30 anos atrás
 G1 – Blog da Redação
 Globo News – Ciência e Tecnologia
 Globo News – Cidades e Soluções
 Globo News – Estúdio i
 Globo News – Milênio
 Globo News – Sarau
 Jornal Hoje – Hoje em Casa
 Jornal Nacional – JN Especial
 Start.up

Categorias

cheios de ficção, no sentido em que todo relato introduz uma subjetividade. Com mais razão ainda num livro como o meu.

G1: Sua infância, no subúrbio carioca de Cascadura, foi marcada pela leitura da Bíblia, das revistas em quadrinhos e das histórias que sua avó contava. Que impacto esses três elementos tiveram na sua vida?

RUFINO: Como tantos escritores eu tive alguém, na infância, que me viciou em histórias. Lia gibis escondido, o que, possivelmente, ampliou o seu fascínio. E a Bíblia, ao invés de tomá-la como livro sagrado, tomei-a como livro maravilhoso de histórias, e como manual de estilo. Tudo se passou em Cascadura e Tomás Coelho, subúrbios antigos do Rio, onde se pode ser feliz ou infeliz como em qualquer lugar.

G1: – Que livros foram mais importante na sua formação, já a partir da adolescência?

RUFINO: *Filho nativo*, de Richard Wright; *Casa Grande & senzala*, de Gilberto Freire; *O Ateneu*, de Raul Pompéia; *Terras do Sem-Fim*, de Jorge Amado; *O escravo*, de Hall Caine; *O tempo e o vento*, de Érico Veríssimo; o *Manifesto comunista*, de Marx e Engels... A lista é comprida. O decisivo não é o livro em si, mas a altura da vida em que você o lê. Esses foram os do começo da minha juventude.

G1: Você viveu exilado no Chile e na Bolívia após o golpe de 64. Conte alguns episódios e encontros que o marcaram, no exílio.

RUFINO: Dos poucos meses que passei na Bolívia, me impressionou a mudez de seus índios. Logo compreendi que era uma defesa antiga, vinda da época da Conquista: eles só eram mudos com os que vinham de fora. O altiplano, para brasileiros, é fantástico: as neves eternas, os lagos gelados, as aldeias esparsas... Vi de perto a combatividade das suas lideranças camponesas. Quanto ao Chile, se tornou minha segunda pátria, embora me sinta internacionalista. Ali conheci Thiago de Mello, nosso adido cultural na época, um semeador de amizades. Tínhamos um time, o Pedaco de Mundo. No Chile conheci também Pelé, que tem a minha idade, numa excursão do Santos. Achei que se, além de tudo, ele fosse politizado, seria Deus.

G1: Após voltar ao Brasil, veio a prisão. Que resumo pode fazer dessa experiência?

RUFINO: Voltei do exílio em 1966. Até 1972, conheci prisões breves e leves. De 1972 a 1974, cumpri pena da Justiça Militar. Passei pelo Doi-Codi, em São Paulo, assisti à morte na tortura de Carlos Nicolau Danielli, vi e ouvi dezenas de outros presos sendo torturados. Tive o meu quinhão de socos e choques elétricos, mas não conheci o pior, a “cadeira do dragão”. É uma experiência inenarrável, no limite do humano. Quem a experimentou, em si ou nos companheiros, não sabe dizer qual é a natureza do torturador. Agora que a Justiça começa a julgá-los, alegam que torturaram em defesa da pátria. Que criaturas são essas?

G1: Por que exatamente você foi preso? Que papel teve na ALN?

RUFINO: Meu papel na ALN era modestíssimo: apoio a combatentes armados. Depois de ficar na prisão quase dois anos, fui beneficiado com livramento condicional. As personagens mais marcantes lá dentro foram, para mim, alguns presos comuns, ladrões, assaltantes, traficantes, um ou outro homicida passional. Todos me deixaram a sensação de vidas desperdiçadas, embora ninguém saiba dizer o que é uma vida aproveitada. Quase acreditei que o crime era a única aventura possível sob o capitalismo. Assisti a uma fuga de cinema: um condenado a 300 anos saiu pela porta da frente, sob a identidade de um preso correccional.

G1: Seu livro resgata o valor do “General Sodrê”, Nelson Werneck Sodrê, para a historiografia da literatura brasileira. Fale sobre ele.

RUFINO: Nelson Werneck Sodrê não entrou para a História como general do exército. Entrou como intelectual, o mais influente no começo dos anos 60. Por 25 anos foi crítico literário semanal, publicou obras como *História da literatura brasileira*, *História da imprensa no Brasil*, *História militar do Brasil*, *História da burguesia brasileira*, que são referência obrigatória até hoje. Fui seu aluno e assistente no ISEB, o mais influente centro de estudos da época, fechado pela ditadura. Ele foi um trabalhador intelectual incansável e uma pessoa modesta, apesar da influência que teve.

G1: Você também lançou recentemente o livro *Quem ama a literatura não estuda literatura*. Que mudanças propõe no ensino da literatura, e por quê?

RUFINO: Minha proposta de mudança do ensino universitário da literatura é que se entere de uma vez o baixo estruturalismo em que se meteu nos últimos 30 anos. A literatura é um capítulo da cultura, este é o seu significado. Tratá-la como um significante referido a uma estrutura, de qualquer tipo, leva um beco sem saída.

[Artes plásticas](#)
[Artigo](#)
[Cinema](#)
[Literatura](#)
[Protestos no Brasil](#)
[Rio](#)
[Todas](#)

Arquivos

[março 2014](#)
[fevereiro 2014](#)
[janeiro 2014](#)
[dezembro 2013](#)
[novembro 2013](#)
[outubro 2013](#)
[setembro 2013](#)
[agosto 2013](#)
[julho 2013](#)
[junho 2013](#)
[maio 2013](#)
[abril 2013](#)
[março 2013](#)
[fevereiro 2013](#)
[janeiro 2013](#)
[dezembro 2012](#)
[novembro 2012](#)
[outubro 2012](#)
[setembro 2012](#)
[agosto 2012](#)
[julho 2012](#)
[junho 2012](#)
[maio 2012](#)
[abril 2012](#)
[março 2012](#)
[fevereiro 2012](#)
[janeiro 2012](#)
[dezembro 2011](#)
[novembro 2011](#)
[outubro 2011](#)
[setembro 2011](#)
[agosto 2011](#)
[julho 2011](#)
[junho 2011](#)
[maio 2011](#)
[abril 2011](#)
[março 2011](#)
[fevereiro 2011](#)
[janeiro 2011](#)
[dezembro 2010](#)
[novembro 2010](#)
[outubro 2010](#)
[setembro 2010](#)
[agosto 2010](#)
[julho 2010](#)
[junho 2010](#)
[maio 2010](#)
[abril 2010](#)
[março 2010](#)
[fevereiro 2010](#)
[janeiro 2010](#)
[dezembro 2009](#)
[novembro 2009](#)
[outubro 2009](#)
[setembro 2009](#)
[agosto 2009](#)
[julho 2009](#)
[junho 2009](#)
[maio 2009](#)
[abril 2009](#)
[março 2009](#)
[fevereiro 2009](#)
[janeiro 2009](#)
[dezembro 2008](#)

A literatura não é uma especialização, mas um existencialismo. Os cursos de Letras tendem, na atualidade, a funcionar como depósito de vestibulandos não-aprovados para outros cursos. A literatura é boa demais para este fim melancólico.

G1: Nos últimos anos o debate sobre racismo tem crescido no Brasil. Como avalia esse tema, especialmente em relação à questão das cotas?

RUFINO: A ação afirmativa, que serve de base aos sistemas de cotas regionais, raciais, de gênero etc é um princípio democrático. O Estado corrige injustiças ao estabelecer condições justas de concorrência na luta pela vida. Sou, portanto, a favor, embora reconheça efeitos colaterais indesejáveis na aplicação do sistema. Mas um jovem branco que se sinta preterido pelas cotas é, por isso mesmo, capaz de entender a histórica preterição do negro na universidade, na diplomacia, na política e na iniciativa privada.

G1: Você já ocupou alguns cargos políticos. Que lições tirou dessa experiência? E como analisa a política brasileira hoje?

RUFINO: A política é uma dimensão básica do meu ofício de escritor. Penso como Brecht: é melhor partir das coisas novas e boas que das antigas e ruins. A possibilidade de fazer política – votar para prefeito numa cidade como o Rio, por exemplo – está sempre colocada à nossa frente. A luta entre o velho, que teima em sobreviver, e o novo, que quer viver, é o fundamento da luta política.

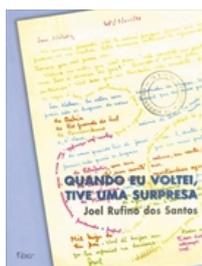
novembro 2008
outubro 2008
setembro 2008
agosto 2008
julho 2008
junho 2008
maio 2008
abril 2008
março 2008
fevereiro 2008
janeiro 2008
dezembro 2007



LEIA TAMBÉM do mesmo autor:
literatura. Rocco, 200 pgs. R\$26

Quem ama literatura não estuda

Para estudar literatura de fato, praticamente não adiantam de nada as tradicionais análises das obras em relação aos movimentos, escolas e estilos de sua época, como se faz nos colégios e universidades brasileiras. Pelo menos é isso o que constatou Joel Rufino dos Santos, autor do lançamento *Quem ama literatura não estuda literatura – Ensaio indisciplinado*, ao longo dos cerca de 20 anos em que foi professor da Faculdade de Letras da UFRJ. A aparente provocação reside apenas no título, já que, no livro, Rufino questiona o modo quase infrutífero como se estuda e leciona literatura no Brasil, apontando que a disciplina só terá a devida importância social no país quando estabelecer conexão com outras áreas do conhecimento, como a antropologia, a sociologia, a psicologia e a História.



Quando eu voltei, tive uma surpresa. Rocco, 140 pgs. R\$59,90

A luta desesperada e inglória de um pai na tentativa de evitar sofrimentos a um filho. Assim são as cartas enviadas pelo historiador Joel Rufino a Nelson, então com 8 anos, durante o tempo em que esteve encarcerado como preso político no Presídio do Hipódromo, em São Paulo, entre

1972 e 1974. Joel fez de tudo para esconder uma trágica verdade de seu filho, mas sem ver o pai há muito tempo, Nelsinho entende que fora abandonado. Surge para Joel o maior dos desafios: explicar a uma criança que está preso, mas não é bandido. Desde as primeiras cartas, ele dizia que tinha sido “convidado” pelo governo brasileiro a “contar” algumas coisas que tinha feito. “Por exemplo, eu dei algumas aulas sobre coisas que o nosso governo não gosta que se conte, escrevi livros que nosso governo também não gosta.”

11 Comentários para “Entrevista: Joel Rufino dos Santos”

1

Lígia:

29 outubro, 2008 as 9:08 pm

Boa noite a todos!

Segundo análise de Rufino, nosso caro entrevistado , “Os cursos de Letras tendem, na atualidade, a funcionar como depósito de vestibulandos não-aprovados para outros cursos”... Afirmo que há certa verdade neste ponto de vista principalmente para aqueles municípios (e não são poucos) em que os cursos de Ciências Humanas de base Federal ainda não fazem parte da carteira disponível à população onde as universidades particulares acabam por absorver este perfil de interessados que precisam de um certificado para compor um curriculum cada mais exigido como competências mínimas ao mercado de trabalho.

Haja visto que este mercado de trabalho necessita de profissionais que tenham por habilidade aperfeiçoamento das ciências exatas, tão necessárias ao cumprimento das metas de produção em um mundo cada vez mais escasso de matéria prima que possa continuar levando ‘desenvolvimento’ aos povos.

Quem sabe, sr. Rufino, mesmo sendo especialista em uma graduação escolhida sem ‘motivação’, ou sem que tenha havido um ‘marketing prévio’ para um curso como “Letras”, possam estes profissionais estar levando melhores caminhos a um mundo onde os conflitos sociais são nítidos e já chegam a nível de discussão em todas as camadas haja visto o tema ‘Responsabilidade Social’ já fazer parte do vocabulário empresarial.

Que estes profissionais das ‘Humanas’ possam estar fazendo a diferença em um mundo excludente, onde milhões dormem sem ter o que comer, enquanto muitos outros estão apenas preocupados em quanto possam ter perdido de ‘lucro’ no próximo semestre.

Gostei muito das dicas de livros. Parabéns!

2

Suzane:

5 novembro, 2008 as 10:06 pm

Acho a opinião de Joel Rufino e de nossa cara Lígia equivocada quanto aos alunos dos cursos de Letras. A partir do momento que se tem um curso de um licenciatura, aí em incluso todas as demais, faz-se necessário conhecer sim as teorias que embasam as Literaturas que serão estudadas por diante. Não é a formação do universitário que apresenta problemas e sim a base curricular dos ensinamentos fundamental e médio; o professor é obrigado a ensinar num sistema eletista que vê a escola como passaporte para o ensino superior. Caro, Joel Rufino, os alunos que conseguem passar em outros cursos compõem em grande maioria esse grupo.

Acho que falta antes conhecer mais de perto o que é o ensino nos cursos de Letras.

3

Joseane Maia:

3 dezembro, 2008 as 10:55 pm

Por favor, preciso entrar em contato com Joel Rufino dos Santos , para convidá-lo a dar uma palestra no Maranhão. Preciso de seu e-mail, quem poderá me ajudar?

4

Luis Guilherme Pontes Tavares:

19 janeiro, 2009 as 12:53 pm

Prezado jornalista Luciano Trigo, gostaria que me fornecesse o e-mail ou o telefone do professor Joé Rufino dos Santos. Quero remeter breve comentário sobre Assim foi (se me parece) e, também, um exemplar de meu livro magrinho. Grato pela atenção, Luis Guilherme

5

elizabeth:

8 março, 2009 as 12:43 pm

sou professora, trabalho em uma biblioteca pública e tenho tentado contato com Joel Rufino dos Santos,mas não estou conseguindo.me ajudem por favor

6
Gilson caland:
27 julho, 2009 as 5:44 pm

preciso do e`mail do prof. Joel Rufino com urgencia. preciso convidá-lo para um seminário denominado NOITES DE HISTÓRIA aqui em Teresina-Piauí. Neste ano a temática central será MEMÓRIAS DA ÁFRICA.
Antecipadamente agradeço.

7
Desiderio Verissimo e Costa:
2 novembro, 2009 as 11:01 am

Ao senhor Joel peço que entre em contato comigo pois sou Angolano e gostaria muito de lhe conhecer se possível, pois gostei muito do livro Zumbi onde fala da minha terra. Eu estou no Brasil ate quarta feira dia 04/11/09 e gostaria muito de lhe conhecer poi sou apaixonada por historia e tenho descendencia com o brasil. por favor me ligue ou me mande um email. 00**244 921 387 478 obrigado.

8
Sergio Micheletti:
20 janeiro, 2010 as 10:00 pm

Fui aluno do Prof. Joel e gostaria de lhe perguntar sobre um assunto que ele não terminou. Alguém poderia fazer a gentileza de informar como entro em contato com ele?

Obrigado,

Sergio

9
Lucia Helena Constante:
18 junho, 2011 as 11:44 pm

sou professora de Português e fiz um trabalho com meus alunos e eles escreveram várias cartas para o escritor Joel Rufino dos Santos mas estou muito preocupada porque não tenho o endereço dele, meus alunos estão muito decepcionados pois não estou conseguindo o endereço dele, por favor me ajudem.

10
Eduardo Garbayo:
31 março, 2012 as 2:12 am

Galera, sou neto dele (sim, meu pai é Nelson Garbayo dos Santos, Garbayo é sobrenome da minha avó, esposa dele, Joel), e precisava comentar aqui... olha a quantidade de gente pedindo endereço e telefone. Imagina se todo mundo tivesse? Ele n ia viver em paz. Dá palestras em vários países e lugares do próprio Brasil, tem sempre entrevistas a dar e fazer, não dá pra atender todo mundo. Se alguém tiver algo realmente importante, pode mandar pra esse e-mail (eduardogarbayo94@hotmail.com), e conforme for, eu comunico a ele e peço permissão pra dar ou não endereço de e-mail e telefone da casa dele. Vlw pela atenção.

ah, visitem meus blogs:

eduardogarbayo.blogspot.com

poetisandoideias.blogspot.com

11
Vanessa Clemente:
25 abril, 2013 as 11:28 am

Prezados,

Alguém tem o e-mail de contato do professor Joel Rufino dos Santos?

Att,

Vanessa Clemente.

« [post anterior](#)

[próximo post](#) »

globo.com | [notícias](#) | [esportes](#) | [entretenimento](#) | [vídeos](#)

buscar

[central globo.com](#) | [assine a globo.com](#) | [todos os sites](#) | [meus dados](#) | [anuncie na globo.com](#)

2000-2015 **globo.com** Todos os direitos reservados. [Política de privacidade](#)

